

O PAPEL DA PSICOLOGIA NA INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM TEA NO AMBIENTE ESCOLAR

FROES, Gabriel¹
SILVA, Maria Eduarda²
VISENTIN, Danielle Machado³
ROSA, Andreia⁴
PRESTES, Caroline⁵
ALVES, Dilce⁶

RESUMO: No presente artigo, mergulhou-se na relação entre a psicologia e a educação, que trabalham juntos para criar um ambiente acolhedor para crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas escolas. Abordou-se como os psicólogos oferecem não apenas suporte, mas também compreensão e parceria aos professores, destacando estratégias colaborativas que transformam salas de aula em espaços onde cada criança se sente valorizada e capaz de crescer. Tiveram por objetivos traçados: Compreender como é o desenvolvimento socioemocional de crianças com TEA no ambiente escolar; Observar a interação de crianças com TEA em relação a seus colegas e professores; Analisar de que forma a psicologia adentra o cotidiano do professor no contato com crianças com TEA; Entender o papel de cada profissional no desenvolvimento psicopedagógico da criança com TEA. Quanto a metodologia foi utilizada a observação direta como ferramenta, trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza aplicada e caráter descritivo. Tal estudo resultou em trazer ao conhecimento do leitor métodos alternativos aplicados pelos professores que coincidentemente adentram a psicologia, mesmo que de forma inconsciente. As crianças observadas apresentam peculiaridades entre si e seus traços relacionados a tais transtornos, fazendo com que ao ler tal artigo, chegue-se a conclusão da importância de materiais e métodos de estimulação cognitiva personalizados para cada aluno, a constante necessidade de informação e auxílio através da psicologia com o professor e a escola na salas de aula para um desempenho positivo, sadio e promissor dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, colaborando para inclusão destes no ambiente escolar.

Palavras-chave: psicologia; TEA; escola; inclusão.

ABSTRACT: In this article, we delve into the relationship between psychology and teachers, who work together to create a welcoming environment for children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in schools. We address how psychologists offer not only support, but also understanding and partnership with teachers, highlighting collaborative strategies that transform classrooms into spaces where each child feels valued and empowered. ASD in the school environment; Observe the interaction of children with ASD in relation to their peers

¹ Gabriel Froes Goulart - graduando do curso de Psicologia - Faculdade IDEAU - Bagé/RS.

² Maria Silva - graduanda do curso de Psicologia - Faculdade IDEAU - Bagé/RS

³ Danielle Machado Visentini - Mestre em Psicologia - Professora e coordenadora do curso de Psicologia - Faculdade IDEAU - Bagé/RS

⁴ Andreia Rosa Professora do curso de Psicologia - Faculdade IDEAU - Bagé/RS

⁵ Caroline Prestes - Professora do curso de Psicologia, Administração e Direito - Faculdade IDEAU - Bagé/RS

⁶ Dilce Helena Alves Professora do curso de Psicologia - Faculdade IDEAU - Bagé/RS

and teachers; Analyze how psychology enters the teacher's daily life in contact with children with ASD; Develop an auxiliary psychopedagogical method for the inclusion of children with ASD at school. This study allowed us to learn about alternative methods applied by teachers who coincidentally enter psychology, even if unconsciously. The children observed specific characteristics among themselves and their characteristics related to such disorders, meaning that when studying this article, one comes to the conclusion of the importance of personalized materials and contact methods for each student, the constant need for information and assistance through psychology with the teacher and the school in the classrooms for a positive, healthy and promising performance of students with Autism Spectrum Disorder, contributing to their inclusion in the school environment.

Keywords: psychology; assistant; ASD; school; inclusion.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O TEA (Transtorno do Espectro Autista, é uma condição neurológica que compromete a interação, é relacionada ao desenvolvimento e muitas vezes caracterizada por um comportamento repetitivo, comprometimento na fala, em habilidades sociais e comunicação não verbal, o autismo teve seus primeiros diagnósticos com o psiquiatra infantil Leo Kanner em 1943, Kanner, L. (1943). O TEA é uma realidade que desafia e enriquece nosso entendimento sobre o desenvolvimento humano. É uma jornada única para cada pessoa afetada e suas famílias, permeada por desafios, mas também por momentos de descoberta e crescimento. O TEA, como definido pela Associação Americana de Psiquiatria (1952), reflete um universo onde a comunicação, a interação social e os padrões comportamentais seguem ritmos singulares. É um convite para explorar as nuances da mente humana, reconhecendo que a diversidade é o que torna cada um de nós especial.

Para a psiquiatra alemã, Utha Frith (2003), o TEA não se limita a um conjunto de sintomas, mas sim a uma maneira única de experimentar o mundo. É uma dança entre as expectativas sociais e a singularidade de cada indivíduo, onde a compreensão mútua muitas vezes requer uma dose extra de empatia e paciência. Diagnosticar o TEA é mais do que simplesmente identificar padrões comportamentais, é mergulhar na essência de cada ser humano, reconhecendo suas forças, suas necessidades e suas aspirações.

Portanto, entender o TEA é mais do que um exercício acadêmico; é uma jornada de autodescoberta e de conexão com o outro. É reconhecer que, embora possamos vir de mundos

diferentes, somos todos parte da mesma humanidade, cada um contribuindo com sua própria melodia para a sinfonia da vida.

"No século XX, especialmente nas primeiras décadas, crianças com autismo muitas vezes eram mal compreendidas e, como resultado, tratadas de maneiras inadequadas. Elas eram frequentemente internadas em instituições e submetidas a práticas que hoje considerariamos prejudiciais" (Kanner, 1943).

Após alguns anos de estudos um dos maiores desafios se tornou o de como proporcionar uma educação para alunos com TEA (Transtorno de Espectro Autista), e desenvolver um trabalho educativo e organizado para atender esses alunos. Segundo Borges (2005, p. 3 apud Bortolozzo, 2007, p. 15) “um aluno tem necessidades educacionais especiais quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado.”

Segundo Francisco Lindoval de oliveira (2020) a inclusão de crianças com TEA nas escolas é uma jornada que demanda apoio multidisciplinar. Neste contexto, a psicologia desempenha um papel fundamental em parceria com professores, oferecendo ferramentas, métodos e estratégias para criar um ambiente educacional acolhedor e eficaz para todas as crianças. Este artigo explora como a psicologia pode auxiliar os professores na inclusão de crianças com TEA, promovendo um ambiente escolar com maior fluidez e harmonia dentro do ambiente escolar.

A parceria entre psicólogos e professores traz inúmeros benefícios para as crianças com TEA e para toda a comunidade escolar. Ao trabalharem juntos, esses profissionais podem criar um ambiente escolar que valoriza a diversidade, promove o desenvolvimento integral de todas as crianças e capacita os professores a atenderem às necessidades individuais de cada aluno com TEA.

Este artigo tem por objetivo geral: compreender comportamentos emocionais que acontecem relacionados a crianças com TEA dentro do ambiente escolar; Associa-se ainda a psicologia e a pedagogia como ciências complementares, trazendo igualdade na qualidade da educação, o autismo ainda é um transtorno no qual está em constantes novos descobrimentos sobre e

procurando novos métodos para auxiliar pessoas que convivem com este transtorno. Procurou-se neste estudo desviar tal assunto dos estigmas e pensamentos os quais a sociedade costuma desvencilhar pessoas com TEA da individualidade, tratando-os como “uma coisa só”, desconsiderando suas peculiaridades, vontades e personalidades.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O TEA (Transtorno do Espectro Autista) é uma condição neurodesenvolvimental que afeta a comunicação, a interação social e provoca comportamentos repetitivos. No Brasil, o aumento dos diagnósticos de TEA e a demanda por educação inclusiva destacam a importância de compreender as práticas psicológicas e educacionais que promovem a inclusão de alunos com TEA nas escolas.

2.1 TEA e Psicologia

A psicologia tem um papel crucial no entendimento e tratamento do TEA. No Brasil, a ABA (Terapia Comportamental Aplicada) é bastante utilizada, sendo reconhecida por sua eficácia em melhorar as habilidades sociais e comportamentais de crianças com TEA (Schmidt et al., 2016). Além disso, terapias ocupacionais e de integração sensorial são frequentemente aplicadas para atender às necessidades sensoriais dessas crianças (Bosa, 2006).

Pesquisas nacionais destacam a importância de intervenções precoces e integradas, que combinam psicologia, fonoaudiologia e pedagogia, para oferecer suporte abrangente às crianças com TEA (Sato et al., 2019). Estudos indicam que essas intervenções podem levar a melhorias significativas no desenvolvimento e na qualidade de vida das crianças com TEA (Mello et al., 2018).

2.2 Inclusão Escolar

A inclusão escolar de alunos com TEA é um desafio e uma oportunidade para os sistemas educacionais brasileiros. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) define diretrizes para garantir o direito à educação em um ambiente inclusivo.

Para incluir efetivamente alunos com TEA, é necessário adaptar o currículo, formar professores e implementar estratégias de ensino diferenciadas (Mantoan, 2015). A

capacitação de professores para lidar com a diversidade é essencial para o sucesso da inclusão (Martins, 2019). Além disso, a colaboração entre profissionais de saúde e educação é fundamental para desenvolver planos educacionais individualizados que atendam às necessidades específicas dos alunos com TEA (Silva & Almeida, 2020).

2.3 Desafios e Boas Práticas

Entre os principais desafios da inclusão de alunos com TEA nas escolas brasileiras estão a falta de formação adequada dos professores, a escassez de recursos e a resistência de algumas instituições em adotar práticas inclusivas (Sassaki, 2016). Contudo, há boas práticas que podem servir de modelo. Por exemplo, o uso de tecnologias assistivas pode facilitar a comunicação e o aprendizado de alunos com TEA (Deliberato, 2017). Programas de capacitação contínua para professores e a criação de ambientes sensoriais adaptados também são estratégias eficazes (Costa et al., 2019).

A inclusão de alunos com TEA nas escolas brasileiras é um processo complexo que exige uma abordagem integrada e colaborativa. A psicologia oferece ferramentas valiosas para o entendimento e a intervenção no TEA, enquanto a educação inclusiva requer adaptações curriculares e capacitação contínua de professores. A pesquisa e a prática devem continuar a evoluir para garantir que todas as crianças, independentemente de suas necessidades, tenham acesso a uma educação de qualidade.

3. METODOLOGIA

O estudo trata de uma pesquisa bibliográfica e também de campo, de natureza aplicada, com uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, além de uma análise comparativa de dois alunos do primeiro ano do ensino fundamental com diferentes graus de TEA, estudo este que tem como ferramenta de coleta de dados a observação direta (não participante), aplicada em uma escola pública municipal no primeiro ano do ensino fundamental com dois alunos na faixa etária de 6 anos. Observações estas aplicadas por alunos do 1º semestre de psicologia, durando 4 horas, divididas em 1 hora para um aluno e 3 para o outro.

A pesquisa descritiva é um tipo de estudo que visa descrever as características de uma população ou fenômeno de interesse. Segundo Silva e Menezes (2001), "a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los". Esta metodologia se concentra em fornecer uma imagem detalhada e precisa da situação estudada, sem influenciar ou modificar o ambiente natural dos sujeitos da pesquisa.

Os métodos utilizados na pesquisa descritiva incluem a observação e os estudos de caso. Por fim, o estudo de caso permite uma análise detalhada de um indivíduo ou grupo específico para entender profundamente o fenômeno em questão. A pesquisa descritiva tem várias vantagens. Ela é relativamente fácil de realizar, não exige a criação de condições experimentais complexas, e os dados coletados podem ser usados para gerar insights valiosos e fundamentar futuras pesquisas. Além disso, esta abordagem é prática para estudos que exigem uma coleta rápida e eficiente de dados. Para que o estudo tomasse forma, foram realizados encontros presenciais nas quintas-feiras dentro da faculdade IDEAU e encontros online via mensagens de texto e chamadas de vídeo via “*Google Meet*”, houve dentro desses encontros virtuais muitos debates e teorias de como poderíamos transmitir os ensinamentos de tal assunto. Aplicou-se dentro da observação direta o diário de bordo, funcionando como guia para a descrição da observação, proporcionando mais exatidão e coerência na descrição do que foi observado.

3.2 Observação dia 28/05/2024

As aulas nesta escola começam a partir das 13:30, a partir deste horário se dá início a observação, a escola conta com AEE (Atendimento Educacional Especializado), mas não há profissionais da psicologia clínica ou neuropsicólogos.

3.2.1 Aluno 1 : “Isac” (Das 13:30 às 15 horas)

O aluno em questão frequenta uma das turmas de 1º ano da escola na qual foi realizada a pesquisa, ele frequenta a escola durante uma hora por dia, a partir de passada esse horário o aluno já começa a se desregular. O aluno se trata de um autista não verbal o qual fala apenas a palavra “,faz uso de fralda (pelo fato de não ter como comunicar que deseja usar o banheiro). Também foi informado pelos professores que o aluno vai a aula com pouca

frequência, além de estar voltando a aula depois de um longo período de chuvas, automaticamente perdendo a rotina e tendo que se adaptar novamente.

No primeiro momento o aluno chegou na escola e entrou na sala de aula acompanhado da sua tutora escolar. Entrando na sala ele se dirigiu ao seu lugar juntamente a tutora, a atividade proposta para a turma era de formarem seus nomes e o nome da professora em letras de papel recortadas, identificando as vogais e as consoantes, já a proposta de atividade do aluno com TEA era identificar as vogais com auxílio da tutora, para isso foram utilizados materiais alternativos, como: massinha de modelar e palitos para que ele tentasse esculpir as vogais, mas o aluno não desenvolve tal atividade então o material foi trocado na tentativa de realizar a proposta feita pela professora. Ainda na expectativa da realização da atividade, a profª já tinha montado alguns materiais especializados para ele, como um saquinho com creme que apareciam as letras conforme mexia no creme, vogais de E.V.A com glitter, no qual se interessou mais. Por vezes o aluno se levantava, saía do seu lugar, corria e pulava, ficava eufórico, demonstrando gostar das atividades, mas logo quando solicitado pela professora ele voltava ao lugar. Sempre que conseguia, procurava sentar-se no colo da tutora. Normalmente o aluno permanece uma hora na escola, já que mais tempo que isso tende a se desregular. Porém neste dia tentaram que ele permanecesse o quanto conseguisse, então ele foi levado para o momento do lanche juntamente com os demais, para que ele entendesse onde ele iria, a professora fez um gesto com a mão indicando para um sinal de comer, ele compreendeu e foi até o refeitório de mãos dadas com a tutora. Chegando no refeitório o comportamento dele começou a mudar, não aceitou o lanche, apenas apontou para uma banana a qual apenas abriu e não comeu, em seguida, corria pelo refeitório e pulava esporadicamente por lá. Retornando para a sala de aula, o aluno passa pela sua sala de aula do ano anterior e entra, brinca com alguns brinquedos da antiga sala e a tutora o acompanha de volta para sua sala. No trajeto até a sala o aluno visualiza sua mãe dentro de uma das salas e a encontra, a tutora junta seus materiais e chega a hora do aluno ir embora, neste dia o aluno não teve acompanhamento especializado no AEE.

3.2.2 Aluno 2: “Taylor” (Das 15 horas até às 17 horas)

Este aluno frequenta a outra turma de 1º ano do ensino fundamental na mesma escola de Isac. O primeiro contato que se teve ao adentrar a sala de aula foi com o aluno em questão,

ele imediatamente dirigiu-se e apresentou-se voluntariamente e perguntou o nome do responsável por essa observação, notando essa presença peculiar no ambiente escolar. O conteúdo programado para esse aluno seria até então o mesmo programado para o restante da turma, sendo auxiliado pela tutora. Por momentos ele se levantava do seu lugar habitual ao lado de sua tutora para perguntar o que o observador anotava, sempre com muitos questionamentos. Neste momento mostrou ao observador um desenho feito por ele e descreveu tudo o que nele havia, descrevia as pessoas, quem eram e cada objeto ali representado.

Até determinado momento o aluno realizou juntamente a sua tutora as atividades propostas pela professora, até que o aluno começou a desregular-se e perder o foco das atividades, mexeu em algumas almofadas, andou um pouco pela sala e voltou para seu lugar.

Passados alguns minutos, a colega sentada a frente deu falta da borracha dela, o aluno começou a rir (indicando que estaria com ele), a tutora pede para que ele devolva o objeto pertencente a colega e ele nega, demonstrando resistência, a professora busca intervir, solicita que o aluno entregue e ele permanece resistente.

A colega ainda propõe que a professora deixe a borracha com o observado, porém a professora explica para ela que não seria correto deixá-lo subtrair algo pertencente a outra pessoa e continua a exigir que o aluno entregue o material da colega, ainda não obtendo retorno do mesmo. A tutora e a professora continuaram tentando que o aluno entregasse o material, porém ele guardou em sua mochila, abraçou a mochila e fugiu das funcionárias, chegando a se arrastar no chão, embaixo das classes e das cadeiras dos colegas para não entregar. Sem retorno para que o aluno devolvesse o material a professora pede o auxílio da prof^a do Isac, que ao chegar na sala fala de modo firme com o aluno e ele responde a mesma falando que não iria devolver porque a colega perdeu e segundo ele “achado não é roubado, quem perdeu é relaxado” e dizendo também que iria “proteger o objeto para sempre”, as professoras então solicitam a presença da coordenadora da escola que ao chegar conversa com o aluno, pergunta a motivação de tal comportamento, fazendo com que o aluno repita suas justificativas e fique um pouco agressivo, grunhindo e debatendo-se em crise para não devolver o que subtraiu.

Durante o período de crise, por diversas vezes o aluno tentou fugir de sala de aula com o material da colega dentro de sua mochila. Após conseguirem com muita insistência fazê-lo devolver a borracha, o levaram para fora da sala para se acalmar, no dia frio o aluno afirmou

para as professoras “o vento me deixa nervoso mas o sol me deixa calmo”, quando ele se acalmou foi encaminhado a sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado) onde o aluno se entreteu com jogos pedagógicos para desenvolver sua paciência, percepção e imaginação.

Acabando o tempo de aula no AEE ele estava em brincadeira livre, mostrando para as professoras presentes sua brincadeira e relacionando ao filme “Jumanji” enquanto brincava com dinossauros de brinquedo. O aluno retornou a sala de aula onde foi solicitado que pedisse desculpas para a colega a qual havia pego o material, assim ele o fez, juntou seu material e encaminhou-se a saída acompanhado por sua tutora.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos casos de Isac e Taylor revela diferenças significativas nas necessidades educacionais e comportamentais de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como nas estratégias utilizadas para apoiá-los.

Quando coloca-se esses casos em comparação, nota-se que por vezes as escolas têm uma certa carência de profissionais da área da saúde mental, e automaticamente poucas referências para os professores de didáticas alternativas para alunos com necessidades especializadas, enquanto alguns profissionais da educação procuram por esses métodos, outros já desconhecem estes, ocasionando um desfavorecimento para algumas crianças dentro da mesma escola. Observou-se que dentro destes casos seria correto o uso de uma equipe multidisciplinar,

4.1 Isac: Estrutura material e rotina

Isac, um aluno não verbal do 1º ano, frequenta a escola por uma hora por dia, período após o qual começa a se desregular. Sua rotina escolar é rigorosamente acompanhada por uma tutora. Isac necessita de um ambiente sensorialmente rico para se manter engajado. Materiais alternativos, como massinha de modelar e palitos, foram utilizados inicialmente para ajudá-lo a identificar vogais, mas não tiveram sucesso. A introdução de materiais especializados, como letras de E.V.A. com glitter, demonstrou maior eficácia ao captar seu interesse. Durante suas atividades, Isac frequentemente se levanta e demonstra comportamentos eufóricos, indicando um prazer nas atividades, ainda assim retorna ao seu lugar quando solicitado. Sua rotina é

essencial para seu equilíbrio, com mudanças, como a tentativa de prolongar seu tempo na escola, resultando em desregulação comportamental.

4.2 Taylor: Interação e resolução de crises

Taylor, por outro lado, frequenta a escola por 4 horas, em turno normal e apresenta um perfil mais verbal e interativo. Sua capacidade de articular e descrever situações é destaque, embora ele também demonstra sinais de desregulação comportamental durante a aula. Taylor interrompe regularmente as atividades para fazer perguntas e interagir com o observador, evidenciando uma necessidade de comunicação constante. Quando surgem conflitos, como o incidente com a borracha da colega, Taylor demonstra resistência e argumenta de forma rebuscada para justificar seu comportamento. A resolução deste conflito exigiu uma intervenção intensiva de várias figuras de autoridade, resultando em uma crise emocional que foi acalmada através de atividades no AEE (Atendimento Educacional Especializado).

4.3 Comparação das intervenções e resultados

As estratégias de intervenção variam consideravelmente entre os dois alunos. Para Isac, a abordagem é mais sensorial e estruturada, visando mantê-lo engajado por meio de materiais visuais e táteis. A estabilidade e a constância na rotina são cruciais para seu bem-estar. Qualquer tentativa de estender seu tempo na escola além do que ele tem por costume resulta em desregulação, evidenciando a necessidade de respeitar seus limites. Para Taylor, a necessidade de interação e comunicação é constante. Suas intervenções requerem uma abordagem que envolva a resolução de conflitos para diminuir sua resistência e as crises comportamentais. O uso de jogos pedagógicos após um episódio de crise mostra a eficácia de atividades estruturadas para desenvolver habilidades como a percepção e a emoção.

A psicologia desempenha um papel vital no manejo e suporte de ambos os alunos. No caso de Isac, a compreensão das necessidades sensoriais e comportamentais permite a criação de um ambiente propício ao seu desenvolvimento, psicólogos podem ajudar a desenvolver estratégias para reduzir a ansiedade e melhorar a comunicação não verbal.

Para Taylor, a psicologia é essencial na identificação de gatilhos emocionais e comportamentais. Intervenções psicológicas podem auxiliar no desenvolvimento de técnicas de autocontrole e resolução de conflitos, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e compreensivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre os processos educacionais de Isac e Taylor, somos propiciados a adentrar em um universo rico em emoções, percepções, desafios e aprendizados. Cada momento compartilhado com esses alunos revela a profundidade e a complexidade das experiências vivenciadas por crianças com TEA. Isac, com sua presença tranquila e expressão serena, nos ensina sobre a importância da rotina e da consistência em seu ambiente escolar. Suas interações, embora não verbais, transmitem uma profunda conexão com o mundo ao seu redor. A cada material sensorial explorado e a cada sorriso compartilhado, testemunhamos seu crescimento e sua jornada em direção à auto descoberta e à inclusão.

Já Taylor, com sua curiosidade infinita e sua habilidade para expressar emoções, nos leva a uma jornada de autoconhecimento e compreensão mútua. Seus questionamentos incisivos e sua capacidade de narrar suas experiências nos convidam a mergulhar em seu mundo interior, repleto de sonhos, desejos e desafios. Cada momento de interação com Taylor é uma oportunidade de aprendizado sobre empatia, respeito e aceitação das diferenças.

Nesta jornada, encontramos a psicologia, cujo papel é fundamental na construção de pontes entre os desafios enfrentados por Isac, Taylor e suas famílias, e o ambiente educacional. Os psicólogos não apenas fornecem orientação e apoio emocional, mas também são agentes de transformação, capacitando professores e comunidades a criar ambientes mais inclusivos e acolhedores para todos. Humanizar a educação de crianças com TEA constitui em abraçar a singularidade de cada criança, reconhecendo suas habilidades, desejos e limitações. É cultivando um ambiente onde a paciência, a compaixão e o respeito são os alicerces sobre os quais a aprendizagem floresce mas ainda utilizando da ciência psicológica. Ao unirmos nossos questionamentos conclui-se que quanto à equipe multiprofissional (psicólogos, psiquiatras, professores, fonoaudiólogos, neuropsicólogos, psicopedagogos entre outros profissionais necessários a cada caso), construímos uma base na comunidade escolar onde todas as crianças, independentemente de suas necessidades, são valorizadas, respeitadas e celebradas por quem são e acabam por serem melhor atendidas desta forma. Esta visão de inclusão e diversidade é o núcleo basilar sobre o qual construímos um futuro mais inclusivo e humanizado para essas crianças e seus familiares, alinhando as ciências da psicologia e da pedagogia.

Por conseguinte compreende-se que as emoções de crianças com TEA podem parecer mais intensificadas por conta de suas diferentes percepções de mundo, espaço e comportamento dos demais, porém, podemos ser grandes aliados à constante evolução do acompanhamento educacional e promover a inclusão e qualidade de vida de estudantes com TEA juntamente aos profissionais da educação, podendo assim, a psicologia auxiliar a pedagogia a partir do trabalho em equipe multidisciplinar no desenvolvimento de uma educação pensada para cada indivíduo, assim como alguns profissionais da educação já buscam se reinventar, oferecendo materiais e atividades pensados para cada aluno.

6 REFERÊNCIAS

- APA (Associação Americana de Psiquiatria). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BARRETO, J. E. F.; SILVA, L. P. Sistema límbico e as emoções: uma revisão anatômica. **Revista Neurociências**, v. 18, n. 3, p. 386–394, 2010.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. D. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 16. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2023.
- BOSA, C. A. (2006). Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 26(2), 222-233.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização, Diversidade e Inclusão**. (2008). Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC.
- CIRINO, R. M. B.; GODOI, L. I. F. G. Inclusão do TEA (Transtorno do Espectro Autista) no ensino fundamental anos iniciais: limites e possibilidades. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, v. 5, n. 2, p. 6-27, 2021.
- COSTA, F. A. de S. C.; ZANATA, E. M.; CAPELLINI, V. L. M. F. A educação infantil com foco na inclusão de alunos com TEA. **Revista eletrônica Esquiseduca**, v. 10, n. 21, p. 294–313, 2018.
- COSTA, R. F., SATO, M. T., & RIBEIRO, S. H. (2019). Estratégias educacionais para inclusão de alunos com TEA: práticas e desafios. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 25(4), 563-580.
- DAMASIO, A. **En busca de Espinoza: neurobiología de la emoción y los sentimientos**. Barcelona: Crítica, 2005.
- DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Obra original publicada em 1872).

- DELIBERATO, D. (2017). Tecnologia assistiva e comunicação alternativa para crianças com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 23(1), 57-70.
- FRITH, U. **Autismo: explicando o enigma**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LOPES, C. E.; ABIB, J. A. D. Teoria da percepção no behaviorismo radical. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 129–137, 2002.
- MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia Em Estudo**, v. 16, n. 4, p. 647–657, 2011.
- MANTOAN, M. T. E. (2015). **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** Summus Editorial.
- MARTINS, E. M. (2019). Formação de professores e inclusão escolar de alunos com TEA. **Revista de Educação Especial**, 32(2), 123-138.
- MELLO, C., VITALE, M. S. S., & LOUREIRO, S. R. (2018). Intervenção precoce no autismo: impactos no desenvolvimento infantil. **Psicologia: Teoria e Prática**, 20(2), 35-49.
- MEYER, S. B. Sentimentos e emoções no processo clínico. In: **Sobre Comportamento e Cognição: a prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental**. Tradução . São Paulo: ESETec, 2001. v. 2.
- MENEZES, E.; SILVA, C. A interpretação cognitivista das emoções em Aristóteles: emotions in Aristotle and the cognitive interpretation. **Revista Helius**, v. 4, n. 2, p. 25–57, 2023.
- NÓBREGA, T. P. da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia (Natal), v. 13, n. 2, p. 141–148, 2008.
- NIH (Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos). **Transtorno do Espectro Autista**. 2022.
- SATO, M. T., Costa, R. F., & Sato, J. L. (2019). Educação inclusiva e autismo: um estudo sobre práticas pedagógicas em escolas públicas. **Revista Brasileira de Educação**, 24(e240006), 1-15.
- SASSAKI, R. K. (2016). **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. WVA.
- SCHIMIDT, C., SCHWARTZMAN, J. S., & BARRERA, S. D. (2016). ABA para o autismo: uma revisão sistemática sobre a eficácia da análise do comportamento aplicada em intervenções para o autismo. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, 24(2), 405-415.
- SILVA, C. S., & ALMEIDA, M. A. (2020). Educação inclusiva e plano educacional individualizado: análise de casos no Brasil. **Educação em Revista**, 36(e220007), 1-20).

5 APÊNDICES

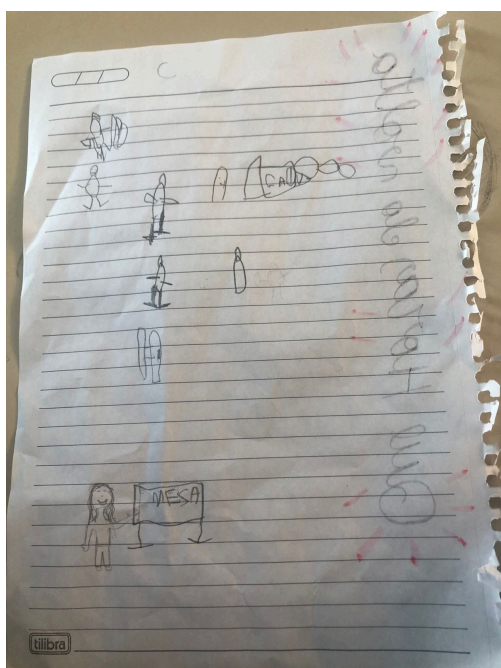


Figura 1: Desenho criado pelo aluno “Taylor”.



Figura 2: Aluno “Taylor” brincando pós executar atividades didáticas.